Visioni LatinoAmericane è la rivista del Centro Studi per l'America Latina DOI: 10.13137/2035-6633/30782

Representação de gênero nos livros didáticos de história do ensino médio brasileiro

Paulo Felix de Aguiar[*]

Abstract

The genre is undoubtedly one of the most interesting themes in history since it deals with elements related to culture. In textbooks the female gender is represented in most situations as submissive to the man and in which the woman plays a secondary role in the daily storytelling. The Author proposes to reflect on the representation of women in the textbooks of history of the Brazilian secondary school, underlining the concept of gender and discrimination.
Keywords: gender, textbook, woman, history, Brazilian secondary school

El género es sin duda uno de los temas más interesantes de la historia, ya que se trata de elementos relacionados con la cultura. En los libros de texto de historia el género femenino se representa, en la mayoría de las situaciones, como sumiso al hombre y en el que la mujer desempeña un papel secundario en la narración diaria. El Autor propone reflexionar sobre la representación de las mujeres en los libros de texto de historia de la escuela secundaria brasileña, subrayando el concepto de género y discriminación.
Palabras clave: género, libro de texto, mujer. historia. escuela secundaria brasileña

Il genere è senza dubbio uno dei temi più interessanti della storia poiché tratta elementi legati alla cultura. Nei libri di testo di storia il genere femminile è rappresentato, nella maggior parte delle situazioni, come sottomesso all'uomo e in cui la donna, nel quotidiano delle narrazioni della storia, svolge un ruolo secondario. L'Autore si propone di riflettere sulla rappresentazione delle donne nei libri di testo di storia della scuola secondaria brasiliana, sottolineando il concetto di genere e di discriminazione.
Parole chiave: genere, libro di testo, donna. storia, scuola secondaria brasiliana

Introdução

O livro didático é um dos principais recursos utilizados na sala de aula por educadores, pois é por meio deste que se desenvolve grande parte do processo de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar. E por ser bastante utilizado nas escolas, faz-se necessário um conhecimento prévio do educador no que se refere à maneira como os conteúdos são reproduzidos e como estes irão trabalhar determinada temática com os seus alunos. É um recurso muito utilizado no cotidiano escolar, mas que precisa tomar cuidado em alguns conteúdos que são expostos no mesmo, para não induzir preconceitos, estereótipos e anacronismos com os alunos.

A visão de mundo contida nos livros didáticos de história é algo muito comum e se

[*] Centro universitário Facol (Unifacol), Vitória de Santo Antão, Pernambuco (Brasil); e-mail: pfaguiar1@hotmail.com.

não for observada ou analisada pelo educador ao trabalhar com o livro didático, poderá fazer com que alunos possam aprender diversos temas de maneira preconceituosa ou possuir uma visão deturpada de certos modelos históricos que são apresentados. Geralmente é repassado nos livros didáticos aquilo que a classe dominante, ou aqueles quem os confeccionaram, tem interesse ou deseja, e é neste ponto que na maior parte dos livros o gênero feminino é visto como algo com pouca expressão se comparado ao gênero masculino.

Os gêneros são elementos importantes na construção e compreensão do saber histórico. São eles os sujeitos ativos e passivos das principais narrativas e descrições históricas. O masculino e o feminino são colocados em lados praticamente opostos nos mais diversos temas de história do Brasil e mundial, sendo que o primeiro é na maioria das vezes destacado de forma superior ao segundo, fruto de uma ideologia machista e dominante que foi se criando ao longo da história e que ainda hoje se faz presente nos principais livros didáticos de história.

A escolha do tema deve-se ao fato de ser algo que precisa ser mais estudado e analisado pelos educadores, alunos e demais leitores, pois não se pode apenas aprender um lado da história. Tem-se que descobrir como os personagens da história foram criados, como são abordados e o porquê das condições destes no livro didático. Dessa maneira, o trabalho tem como objetivo argumentar sobre a representação da mulher em alguns livros didáticos de histórica do ensino médio brasileiro, destacando como esta é apresentada e quais as principais características.

O método de pesquisa utilizado neste trabalho é o de caráter bibliográfico e dedutivo, no qual se analisará quatro livros didáticos de história do ensino médio brasileiro a fim de se descobrir como estes abordam a figura da mulher e suas principais particularidades. A escolha destes quatro livros deveu-se ao fato dos mesmos serem livros aos quais tive contato durante a minha prática docente na escola municipal Weigélia Galvão, localizada na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco (Brasil).

Dentre as obras analisadas podem citar as seguintes: *Brasil: História geral* de Osvaldo Rodrigues de Souza (1978); *Nova história crítica: ensino médio* de Mário Furley Schmidt (2005), *História sociedade & cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior (2011) e *História passado e presente 2: do mundo moderno ao século XIX* de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi (2017). Todas elas serviram como base no processo de investigação e análise da representação da mulher nos livros didáticos de história do ensino médio.

Deve ser dito que no Brasil a escolha do livro didático é realizada de acordo com o Programa nacional do livro didático (Pnld) e é reformulada a cada quatro anos, por meio de uma proposta democrática, que busque o consenso: os professores, levando em consideração alguns textos fornecidos pelo Pnld, devem escolher, após análise crítica e discussão comum, aqueles que, em suas opiniões, melhor respondem ao ensino da matéria de que são titulares.

1. Representação da mulher nos livros didáticos de história

A abordagem de gênero é sem dúvida uma das mais intrigantes e polêmicas da história, uma vez que procura tratar de um tipo a qual foi durante muito tempo esquecido e, sobretudo, inferiorizado pelo poder e destaque da figura masculina, onde são destinadas inúmeras páginas em livros didáticos de história para relatar sobre o homem e seus feitos.

Por outro lado, o gênero feminino foi sendo abordado de uma maneira muito ínfima, e quando abordado faz referência à mulher como um ser inferior ao gênero masculino, o que acarretou nos principais estereótipos e anacronismos que existem na história, ao se tratar da mulher.

Nos livros didáticos a mulher ainda é tratada de forma desigual com relação ao gênero masculino. Os alunos quase não observam que muitas mulheres participaram ativamente em movimentos da história, mas que, por uma questão ideológica e machista não é trazido nos livros didáticos, e quando são, apenas há um breve comentário, sem que haja uma extensão ou particularização da temática.

Prohmann (2018), numa pesquisa sobre os livros didáticos realizada em 2013, constatou que, embora existam alguns poucos avanços, a abordagem da mulher nesses livros ainda deixa muito a desejar. Para ele, somente uma vez no livro uma mulher é citada diretamente e destacada com maior detalhe (Joana D'Arc) e é geralmente abordada já no final do livro. As outras referências, personagens são poucas e na maioria das vezes generalizante. Além disso, ao ler e observar a escrita do livro, a Autora conseguiu perceber que os termos eram sempre empregados no masculino, como *historiadores* e *homens.*

A escola é um espaço que deve ser utilizado para quebrar os paradigmas, ou seja, romper com as barreiras entre o gênero feminino e masculino. Porém, infelizmente ainda é nítida em algumas escolas a abordagem generalista dos dois gêneros, onde meninos e meninas são tratados pelo termo *meninos*, denotando a supremacia de um gênero sobre o outro.

> A escola é uma caricatura da sociedade. Por ela passam como não passa por nenhum outro lugar, limitados por diminutivos, todas as ideias que uma sociedade quer que se acredite (Moreno, 1999: 80).

Isto é, a instituição escolar é vista como um espelho para sociedade onde grande parte do que é ensinado e passado para os estudantes e as estudantes serve como modelo de pensamento e fundamento no cotidiano das pessoas. Porém, é preciso que educadores possam fazer com que toda essa supremacia do gênero masculino sobre o feminino seja discutida de maneira que se apresente a importância de ambos para a sociedade.

A mulher é alvo de discriminação, subordinação, marginalização e inferiorização e, sobretudo, não é discutida em livros didáticos como deveria. O educador tem que levar ideias e pensamentos diversificados e criticos acerca do gênero e dos modelos sociais

para que assim os alunos comecem a ter uma nova dimensão do que é a mulher, sua força e participação na construção do processo histórico.

Os livros didáticos de história geralmente não dão destaque ao gênero feminino, como se observa com o gênero masculino. Por sua vez, não se pode esquecer de mencionar que o livro didático é uma produção cultural e é promovido por uma ideologia que muitas vezes termina abordando apenas um lado, favorecendo apenas um ser histórico.

> Tem que levar em consideração o fato de que mesmo a investigação científica mais isenta é sempre tributária de uma visão de mundo compartilhada pelo importante veículo portador de um sistema de valores que reforça concepções e atitudes ao mesmo tempo em que discrimina entre o que deve ser aceito e o que deve ser rejeitado, entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido pelos alunos no decorrer da sua formação escolar (Bittencourt, 2002).

Ou seja, o livro didático é uma mera produção de uma classe que pretende exaltar os seus feitos, abordar os temas de seus interesses, que mais lhe convém, além de ser uma produção marcada por ideologias e visão do mundo que muitas vezes refletem nos conteúdos que poderão ser vivenciados e abordados em sala de aula. É nesse contexto que infelizmente algumas classes não são valorizadas ou abordadas de forma que exalte sua importância, seus feitos.

Mistura e Caimi (2015) ao analisar e observar a posição da mulher nos livros didáticos de história concluíram que ainda existe uma dificuldade dos livros didáticos em se adequarem às renovações historiográficas propostas pela história de gênero. Ainda, segundo as Autoras, a temática envolvendo o gênero permeiam e fazem parte do cotidiano escolar. O livro didático, por seu papel cultural, ideológico e político, na maioria das vezes traz o papel do homem histórico com muito mais relevância, deixando a mulher numa situação de menor destaque na história.

2. Como o gênero é abordado no livro didático

Os livros didáticos de história são repletos de imagens que podem apresentar a importância que um gênero tem sobre outro assim como o poder que este determina sobre o outro. Assim, quando se estuda a sociedade patriarcal e conservadora, nota-se que o gênero masculino, ou seja, a figura do homem é colocada como o símbolo de poder, de dominação e decisão, enquanto a mulher é retratada como um ser inferior ao senhor de engenho. Dessa maneira, não se observa discussões críticas acerca de gêneros nos livros didáticos de história, de modo que faça com que os alunos e as alunas possam compreender que ambos os gêneros são importantes para o entendimento do fato histórico e que a história que nos é contada costuma favorecer a apenas um gênero.

Segundo Cândido (2016) a definição de gênero está associada a fatores culturais, sociais e psicológicos de seres de uma mesma origem; no entanto, os papéis dentro de uma sociedade binária, fazem uma distinção dos seres apenas pela concepção biológica, sendo essa distinção visível entre os homens e mulheres, os heterossexuais.

Alves (2016) argumenta que ao analisar a iconografia de um livro didático de história referente à escravidão, o que se pode perceber é o negro trabalhando e acometido de todos os castigos, enquanto a mulher é apresentada em sua forma nua. A mulher negra é assim discriminada duas vezes: por ser mulher e por ser negra. O livro pouco traz as questões de resistência e na maioria das vezes proporciona visões equivocadas, dando a entender que os africanos foram passíveis à escravidão. Observa-se, portanto, que a mulher pouco é mostrada nas suas lutas, resistências e poder.

Ainda segundo Alves

> a discriminação da mulher negra pelo livro didático é uma realidade, e quando representada é demonstrada de forma que possa alimentar estereótipos racistas que há anos se mantém vivos e acabam sendo repassados no âmbito escolar através do livro didático que se mantém deficiente em conteúdo (Alves, 2016: 7).

É importante que educadores ao trabalhar o livro didático de história possam perceber alguns elementos que possivelmente se encontram inadequados e, posteriormente, mostrar ao aluno e aluna, por meio de debates e discussões críticas elementos que os façam refletir sobre o verdadeiro papel da mulher na história, destacando a sua importância como um ser social e histórico. Abordagem didática sempre válida e que um bom professor deve sempre saber aplicar, para toda a leitura de fatos sociais.

As discussões relacionadas às questões de feminismo e gênero ganham importante relevância a partir da década de Oitenta possibilitando assim uma ampliação de pesquisas na história de mulheres, lutas e representações. E isso faz com que a mulher passe a ser analisada de uma nova forma, bem como ganha uma nova cara no que diz respeito ao seu papel na história.

O termo *gênero* surge na academia em substituição à palavra *mulher*, no momento em que o termo feminista buscava desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, bem como adentrar em alguns ramos da ciência onde o estudo sobre mulheres não era bem aceito (Casagrande, Carvalho, 2005: 2). Assim, pode-se dizer que a palavra gênero passou a ter maior destaque nos ramos das ciências sociais a fim de se estudar e discutir questões envolvendo a mulher, sua luta, seus direitos, entre outros elementos. A partir deste momento, o gênero passou a ser uma vertente que deveria ser estudada e analisada a ponto de se descobrir como que as personagens são apresentadas na história, quais papeis estas desempenharam de fato para a história bem como quais são as relevantes que a colocaram em primeiro ou segundo plano no saber histórico.

Não se pode deixar de mencionar que o gênero é uma construção social, ou seja, uma produção humana, e como tal produz e reproduz relações de poder. Dependendo da sociedade e do modelo a qual foi construída, homens e mulheres poderão ser favorecidos ou desfavorecidos no saber histórico. Isto é, dependendo da cultura, do ambiente social, enfim, da sociedade em que as pessoas estão inseridas. Isto não se pode perder de vista.

> A criança, ao nascer, é do sexo feminino ou masculino, ao ser submetida ao convívio social o

> gênero vai sendo definido e pode ser diferente do sexo. Ela pode vir a ser do gênero masculino, feminino, homossexual, transexual, bissexual, dentre outros e o fato de a pessoa pertencer a um ou outro gênero não define sua capacidade intelectual e/ou suas habilidades manuais (Casagrande, Carvalho, 2005: 2).

Então, pode observar que a criança ao nascer não tem a noção definida de gênero masculino ou feminino; o convívio social, os ensinamentos, a socialização, a educação e a prática social quem irão definir a qual gênero ela irá seguir. Dessa maneira, pode-se afirmar que o gênero bem como as suas principais características são modelos criados por grupos a fim de afirmar ou reafirmar o poder de um determinado gênero sobre outro. É por isso que se precisa compreender a história do gênero para poder ter uma visão diferente da qual é passada para nós, principalmente nos livros didáticos, cujo é repleto de análises e posições preconceituosas em relação ao gênero feminino.

No Brasil os parâmetros curriculares nacionais (Pcn's) de 1998 em seus temas transversais prevêem a discussão das questões de gênero no ambiente escolar. A conceituação de gênero constante nos Pcn's é o «conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos» (Pcn's, 1998: 320) o que converge para o argumento dos teóricos de gênero aqui referenciados. A temática envolvendo o gênero deve ser discutida por educadores a ponto de demonstrar aos educandos e educandas que existe não apenas um lado da história no que concerne ao gênero, pois a na maioria dos livros didáticos a figura da mulher aparece inferiorizada devido à construção do saber histórico, e sua representação ser desenvolvida por membros do gênero masculino, conservador, que prefere expor o seu poder, seus feitos diante dos demais gêneros.

Bock, Furtado e Teixeira ressaltam o papel da escola na formação das alunas e dos alunos e argumentam que

> ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança "humanize-se", cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (Bock, Furtado, Teixeira, 2001: 261).

A escola é um importante meio de fazer com que os gêneros sejam discutidos e valorizados, pois a partir do momento em que o educador sai daquele modelo tradicional de aula, baseado naquilo que somente contém nos livros didáticos, mas procura dar uma nova visão aos seus alunos acerca do gênero (por exemplo, mas não unicamente), denotando que a mulher também teve grandes feitos em movimentos bem como também foi rainha, imperadora, participou de movimentos e guerras, levando os alunos e as alunas a observar que a história, que é passada nos livros didáticos, geralmente é fruto de uma visão do mundo a qual desfavorece o gênero feminino e que, pelo contrário, tem papéis específicos e importantes na história da humanidade.

A abordagem das questões de gênero focaliza as diferenças que são culturalmente construídas entre os sexos, explicitando como se edificam as relações sociais na sociedade em geral e entre homens e mulheres em particular. O próprio conceito de

gênero tem uma história relativamente recente (Silva, 2000: 91). Ou seja, isso significa que se precisa de mais discussões, análises e pesquisas acerca de gênero, para que assim se possa compreender como os gêneros são abordados e trabalhados nos livros didáticos de história. Além disso, tem-se que observar o modelo em que o gênero é apresentado por uma sociedade tipicamente conservadora, machista e preconceituosa, que quase não tem o interesse de abordar a figura feminina como um elemento importante para a história, para as questões cotidianas, para o processo de socialização e de poder dentro e fora da família.

> Mesmo que as relações sociais impliquem numa definição de papéis a serem desempenhados por homens ou mulheres, embora o fato das mulheres gerarem e alimentarem os filhos aparentemente não acarretava vínculos predeterminados, é oportuno lembrarmos que esta distinção de papéis está ligada ao trabalho que cada gênero assumiria na sociedade (Louro, 2014: 4).

Isso denota a maneira como o gênero foi construído e colocado na sociedade, em que a mulher geralmente está associada ao papel de procriação e de cuidar dos trabalhos domésticos, como se não tivesse poder de discernimento e importância nas decisões.

Outro ponto que pode ser observado é o papel que muitas mulheres desenvolvem com as suas próprias filhas, pois as educam para serem futuras moças, damas e mais adiante donas de casas. As mulheres mesmas frequentemente veiculam uma ideologia machista com referência aos comportamentos, cultura, economia, política, religião, família, mídia, artes, entre outras das mais variadas sociedades. No Brasil, por exemplo, o machismo tem suas raízes na sociedade patriarcal vigente desde os primeiros anos da colonização (século XVI), a partir da herança cultural portuguesa. Sobre isso Nogueira (2006) explica a origem do termo ‘família’, proveniente do termo famulus, que significa "coexistência de empregados sob o mesmo teto" ‘escravo doméstico’, dessa maneira, percebe-se a ligação existente entre família e patriarcado. O patriarcado consiste no poder concentrado na figura do homem; tudo está sobre a supremacia masculina, ressaltando com isso o machismo e a desigualdade de gênero. Nesse modelo social é comum as mães mesmas (e o pai) criarem as filhas desde pequenas diferentes dos filhos; existem trabalhos típicos e específicos que diferenciam os gêneros (masculino e feminino), mas existem também modelos educativos e de socialização que induzem proteção, autonomia limitada, subordinação, dependência na filha e autonomia, agressividade, superioridade, centralidade no filho gerando, portanto, uma desigualdade entre a mulher e o homem.

Nota-se que desde a infância as meninas recebiam, através dos materiais didáticos escolares, mensagens próprias a algumas esferas da vida, e, portanto, eram levadas a aprender e a reproduzir as marcas da tradicional formação familiar, social e cultural prevista para a formação do feminino. Essa conformação a um papel específico pode ser interpretada do seguinte modo, percebendo-se aí as influências formativas institucionais.

> É a identidade de gênero que possibilita à criança reconhecer-se como pertencente ao gênero masculino ou feminino, com base nas relações sociais e culturais que se estabelecem a partir do

> seu nascimento. A identidade de gênero ultrapassa a concepção do aprendizado de papéis, que pode tornar-se muito simples, uma vez que caberia a cada sexo conhecer o que lhe convém ou não, adequando-se a essas expectativas. [...] Além disso, a maneira como a família e a escola agem em relação às meninas e aos meninos são fundamentais no processo de constituição da identidade de gênero (Souza, 2005: 2).

A escola e a família permanecem as principais agências, embora em crise, do processo de socialização. Elas continuam sendo muito fortes no processo que diz respeito ao papel que cada indivíduo irá ter perante a sociedade. Graças ao processo de socialização, central mesmo se não exclusivo na idade evolutiva, cada sociedade transmite seus valores, tradições, costumes, etc. Os hábitos, os ensinamentos e até mesmo a postura a qual são criados os filhos e as filhas denotam o modelo que cada gênero possui dentro do cotidiano social. O gênero é então construído diante de um modelo cultural e ideológico aos quais muitos grupos estão inseridos, fazendo com que o gênero masculino e feminino tenham papéis específicos e típicos a cada um, dependendo do tempo e do espaço, da história e da geografia...

Isso pode ser visto nos livros didáticos que geralmente concebem a mulher como um gênero inferior ao homem; esta, por sua vez, quando é mencionada em conteúdos históricos, é abordada como doméstica, cuidando de filhos, quase sem participação política, econômica e social.

Para Choppin (2002: 14) o livro didático pode estar inscrito na realidade material, participando do universo cultural, sendo um depositário de um conteúdo educativo e ideológico. Pode ainda assumir o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades, relações de poder. Tudo isso possuindo valor e utilidade em um dado contexto formativo. Sob tal ótica, os livros são julgados indispensáveis à sociedade para sua perpetuação. Ou seja, ele é fruto de uma ideologia que tem o interesse apenas de retratar aquilo que lhe favorece, assim como é um instrumento da indústria cultural e da classe que está no poder naquilo momento histórico, geralmente contendo conteúdos valorizando e privilegiando alguns gêneros (ou classe social) e desfavorecendo outros.

Em seu trabalho de dissertação sobre o gênero em livros didáticos de história organizados e aprovados pelo Pnld a mestranda Gabriela Santetti Celestino (2016), ao analisar vinte e um volumes propostos pelo Pnld, objetivou compreender como a questão do gênero, segundo a elaboração de Joan Scott (1994), era empregada nas edições didáticas. Para a pesquisadora é inegável a presença das mulheres e suas histórias nos livros didáticos proporcionados pelo Pnld, para o triênio 2014-2015, contudo fez questão de relatar a forma heterogênea em que o termo gênero é empregado nas coleções, provocando uma pluralidade de compreensões e traduções acerca da temática.

A pesquisa teve como proposta observar como as coleções selecionadas mostram o gênero, investigando seu significado e sua compreensão dentro da narrativa desses livros didáticos de história. Dentre os resultados obtidos por meio dessa pesquisa chegou-se à conclusão de que, embora exista uma predominância do gênero masculino na abordagem dos livros, houve uma ampliação do espaço destinado as mulheres envolvendo o gênero, ou seja, a mulher está cada vez conseguindo avançar no processo

de luta por igualdade de gênero, que não pode implicar apenas as mulheres, mas também deve implicar e responsabilizar os homens e toda a sociedade em suas diferentes dimensões e classes.

Após analisar os livros didáticos indicados pelo Pnld, Celestino (2016) verificou que o gênero é apresentado por meio do fator biológico, isto é, da relação entre homens e mulheres, assim como também é exposto numa visão cultural. Assim, existem momentos nos livros que o termo é utilizado apenas para representar as palavras homens e mulheres, desconsiderando o caráter relacional do termo e colocando o gênero como se fosse uma substituição mecânica do sexo. Outro ponto que pode ser visto nessas coleções é a questão da dominação de um gênero sobre outro que, em alguns casos, são determinantes para a relação homem e mulher, e em outras vezes não é especificado.

Pinsky (2013) em seu livro *Novo temas nas aulas de história* escreveu um capítulo enfatizando e demonstrando a importância de estudar a história sob o olhar do gênero; isto é, compreender personagens e sujeitos históricos numa perspectiva de gênero masculino e feminino.

Em sua dissertação, *Os lugares de mulheres negras em materiais didáticos de história da Secretaria de educação do Estado de São Paulo*, a historiadora Françoso (2017) chegou ao resultado de que grande parte das representações apresentadas nas obras possuem personagens subalternas ou como vítimas, ocultando a história de suas ações, de sua luta e relevância para o processo histórico.

3. Os livros didáticos de história

Os livros didáticos de história geralmente trazem consigo algumas problemáticas bem como elementos que não condizem com a verdadeira realidade, porém, não se pode deixar de mencionar as pessoas ou os grupos que os criam, ao qual pode fazer com que determinados grupos sejam valorizados e outros sejam praticamente desvalorizados ou até mesmo esquecidos.

Apoiada na seguinte premissa de que «com grande frequência os livros didáticos são vistos – ou pelo menos indiretamente tratados – como o material didático por excelência, tanto na área de linguística aplicada quanto na educação como um todo» (Vilaça, 2009: 5), é possível afirmar que dispensar as opiniões dos alunos pode prejudicar a formação de cidadãos críticos. Além disso, conforme Tílio (2010: 49) «as escolhas dos contextos culturais apresentados pelos livros e as atividades propostas pelos Autores podem permitir, ou não, que determinadas identidades sejam construídas, ou, pelo menos, manifestadas, em um determinado momento». O educador através do livro didático em sala de aula pode e deve contextualizar e realizar debates e discussões acerca da temática que está sendo vivenciada, levando o aluno a problematizar sobre aquele tipo de assunto que está sendo dado no cotidiano, dentro e fora da escola.

Para Molina

> é necessário afirmar que nos referimos ao livro didático enquanto um objeto cultural, com dada historicidade e registro de debate social, marcado por certa seleção de documentos, construção de enredos temáticos, narrativas, memórias e identidades; e, nessas escolhas efetivadas, salientamos as exclusões, os silenciamentos ou os seus esmaecimentos no interior do próprio texto, escrito ou visual, que provocam leituras conformadoras de determinadas concepções de história (Molina, 2016: 230).

O livro didático é, portanto, um excelente recurso que promove o conhecimento do ser humano por meio de histórias fundamentadas em bibliografias mas que, de uma certa forma, também traz ideologias, culturas, tradições, usos, costumes, visões do mundo, formas religiosas e de socialização, etc. as quais devem ser analisadas, observadas e repensadas no cotidiano de seu uso em sala de aula. O educador ou a educadora será um mediador do conhecimento e proporcionará ao aluno e a aluna possibilidades de refletir sobre as temáticas que estão sendo abordadas no livro.

Conforme o Pnld (2011)

> o que dá a um livro didático o seu caráter e qualidade didático pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o uso adequado à situação particular de cada escola; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Podemos exigir – e obter – bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do livro didático e ir além deles (Pnld, 2011: 13).

É sem dúvida um dos principais recursos pedagógicos utilizados por educadores e educando no processo educativo, porém, vale ressaltar que este vem impregnado de ideias e pensamentos que muitas vezes poderão causar certos preconceitos ou ideias erradas acerca de tais personagens históricos. Por isso, é importante que o educador saiba trabalhar a história no livro didático de uma maneira mais dinâmica, contextualizada e próxima da realidade dos alunos e alunas, chamando a atenção dos mesmos.

Entende-se que o professor e a professora poderão fazer do livro didático um instrumento a mais para ir além de noções, regras gramaticais e atividades para o mesmo fim. Há diversas maneiras de inserir questões críticas que remetam à própria visão de mundo dos alunos e das alunas. Uma delas está na concepção equivocada, porém cristalizada, de que existem atividades voltadas apenas para o homem e outras apenas para a mulher. Esse indagar pode surgir de uma imagem, recurso empregado no livro didático servindo, geralmente, apenas como condutor nos exercícios; e se o principal instrumento de estudo na sala de aula é o livro didático, as imagens são um dos veículos do discurso da sociedade, os quais «influenciam a construção identitária do aluno, reproduzem ideologias, participando de modo importante da formação de atitudes e valores» (Oliveira, 2008: 99).

É fundamental que o educador ou a educadora saiba utilizar o livro didático de história de modo que faça com que os alunos e as alunas não apenas estejam atentos aquela abordagem contida no mesmo. Mostrar outras formas, elementos e representações é importante para que o discente possa compreender que, quando se trata da história no livro didático, esta é geralmente marcada por estereótipos e preconceitos,

cabendo os dois sujeitos do saber (professor/professora e aluno/aluna) a função de estudar e analisar diversos documentos e fatos que possam dar uma visão mais detalhada da mulher e do homem e de seus respectivos papeis e funcionalidades ao longo do processo histórico.

O atual Pnld veio substituir o Plidef (Programa do livro didático para o ensino fundamental) em 1985 com a edição do decreto n.91.542, de 19/8/1985. Ele instituiu alterações significativas, especialmente nos seguintes pontos (Fnde, 2008; Cassiano, 2004):

a) garantia do critério de escolha do livro pelos professores;

b) reutilização do livro por outros alunos em anos posteriores, tendo como consequência a eliminação do livro descartável;

c) aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;

d) extensão da oferta aos alunos de todas as séries do ensino fundamental das escolas públicas e comunitárias;

e) aquisição com recursos do governo federal, com o fim da participação financeira dos estados, com distribuição gratuita às escolas públicas;

f) apresentar uma didática dinâmica, procurando atrair a atenção dos alunos e das alunas, apresentando propostas que estimulem a curiosidade crítica e a investigação científica.

Então, traz novas medidas que faz com que os livros didáticos possam ser utilizados no espaço escolar de forma que venha a proporcionar maiores informações para os estudantes e as estudantes. De fato, o Pnld com sua proposta democrática, contemporânea e crítica foi criado a fim de proporcionar aos livros temáticas, conteúdos, imagens que visam fazer com que o aluno e a aluna consigam refletir e saber lidar com conflitos e diversidades, a respeitar as diferenças sociais, políticas, de gênero, etc., a desenvolver um pensamento crítico e auto-reflexivo. Além disso, estes livros devem vir com uma linguagem dinâmica, simples e objetiva, facilitando a compreensão de todos os seres que fazem parte do processo educativo e desenvolver aqueles que Edgar Morin chama os *sete saberes necessários* para o mundo de amanhã e que deveriam permitir de se chegar a uma *cabeça bem feita* (Morin, 2000; 2003), tendo como objetivo primário o desenvolvimento da capacidade de passar das informações a elaboração de conhecimentos e saberes, ou seja a capacidade de aprender a aprender (Delors *et al*., 1998).

É válido destacar que, além do Pnld, o governo federal executa outros dois programas relacionados ao livro didático para prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do Programa Brasil alfabetizado: o Programa nacional do livro didático para o ensino médio (Pnlem) criado em 2004 e o Programa nacional do livro didático para a alfabetização de jovens e adultos (Pnla) criado em 2007. Tudo isso com o intuito de proporcionar às escolas maiores recursos didáticos que sejam trabalhados durante o cotidiano educativo, trazendo a leitura e a discussão de conteúdos para o processo educativo.

De acordo com um ensaio do pesquisador francês Alain Choppin, no qual faz um

balanço das pesquisas sobre a história do livro didático, as análises sobre estes ficam tradicionalmente restritas ao texto, mesmo considerando que desde o final do século passado a parte do livro destinada à iconografia tenha evoluído bastante. Apenas no fim dos anos 1980 o livro didático deixou de ser considerado como um texto onde as ilustrações serviam como acessórios e enfeites, e começou a ser levada em conta a articulação semântica que une o texto e a imagem. Além disso, há também a necessidade de pesquisar as características da forma dos livros didáticos. Sobre isto o pesquisador afirma que

> a organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações (Choppin, 2004: 559).

O livro didático deve ser atrativo em todos os seus aspectos, quer seja nos componentes estruturais bem como visuais; ou seja, possuir figuras e gráficos que demonstrem a realidade do conteúdo que está sendo abordado. Porém, não se pode deixar de destacar que é preciso que o educador saiba utilizar os recursos de imagens, textos, pesquisas complementares, entre outros, fazendo com que os alunos e as alunas não estejam presos a um modelo de abordagem histórica. Tem-se que favorecer a pesquisa, a discussão, a curiosidade e o debate sobre os principais temas de história no cotidiano escolar. A partir do momento em que se consegue dar à história a oportunidade dela ser explorada e pesquisada de forma mais detalhada pelos alunos e pelas alunas, todo o processo educativo torna-se prazeroso e interessante.

De acordo com Décio Gatti Junior, os livros didáticos são «objetos da cultura escolar» (2000: 32) sendo ainda uma amostra das relações culturais vivenciadas nas escolas, que colaboram no cenário nacional e internacional da educação. É, portanto, uma produção de seres humanos que na maioria das vezes colocam seus pensamentos, visões e ideias acerca de determinado fato histórico, não se importando com a veracidade ou com o outro lato da história.

Por outro lado, Soares apud Gatti Junior:

> Muitos e vários olhares vem sendo lançados sobre o livro didático nos últimos anos: um olhar pedagógico, que avalia qualidade e correção, que discute e orienta a escolha e o uso; um olhar político, que formula e direciona processos decisórios de seleção, distribuição e controle; um olhar econômico, que fixa normas e parâmetros de produção, de comercialização, de distribuição. Avaliar qualidade e correção, orientar escolha e uso, direcionar decisões, fixar normas... são olhares que prescrevem, criticam ou denunciam; por que não um olhar que investigue, descreva e compreenda? Olhar que afaste o "dever ser" ou o "fazer ser", e volte-se para o "ser", não o discurso sobre o que "deve ser" a pedagogia do livro didático, a política do livro didático, a economia do livro didático, mas o discurso sobre o que "é", o que "tem sido", o que "foi" o livro didático (Soares, 2004: 32).

É necessário que as escolas, bem como todos os sujeitos que participam do processo educativo, tenham uma boa visão do livro didático que irá ser adotado para se trabalhar no cotidiano, pois a partir deste momento, consegue-se inserir dentro do bojo cotidiano escolar uma espécie de conhecimento prévio acerca dos conteúdos que serão abordados. Dessa maneira, o professor ou a professora poderá trazer novas fontes para complementar o assunto que será vivenciado pelo aluno e pela aluna na sala de aula.

Não se pode deixar de mencionar também o caráter ideológico que o livro didático é confeccionado e trazido para grande parte das escolas do País, repleto de conceitos fechados ou até mesmo equivocados e que por isso devem ser observados pelo educador e pela educadora e discutido entre o professor ou a professora e o aluno ou a aluna.

Conduzindo este trabalho a um foco mais prático, busca-se, assim, uma análise crítica que desmistifique a visão tradicional e ideológica que se tem quando consultamos um livro didático utilizado em história do Brasil, principalmente no que diz respeito à forma como esses livros são utilizados, levando em conta uma das funções do livro didático que é «cumprir sua missão de formação, de informação, de estímulo ao espírito crítico, de integração da criança no mundo tal como ele é» (Eco, Bonazzi, 1980: 53). A análise crítica, coesa e verdadeira dos conteúdos apresentados pela maioria dos livros didáticos deve ser uma tarefa constante na vida do professor e da professora e do aluno e da aluna, que não pode apenas estar satisfeita com aquela ideia que vem pronta no livro sem que haja um questionamento ou busque novas fontes para confrontar os dados e assim chegar a uma nova conclusão, um novo enfoque do fato histórico.

Concomitante com algumas discussões realizadas por Marilena Chauí (2001) é imprescindível que faça parte do direcionamento dessa discussão um conceito muito presente no material que se analisa, considerando, assim, a cultura, como um conjunto articulado de ideias, valores, opiniões que expressam a visão de um determinado grupo. Ou seja, reconhecer que o livro didático é um material cultural já é um importante passo para que educadores e educandos reflitam sobre o fato histórico, seus personagens e atitudes ao longo da história, construindo com isso um novo modelo de se aprender e ver a história, sem favorecer ou desfavorecer um, outro e o gênero.

4. Teoria da representação e identidade

O gênero passou a ganhar espaço nos principais ramos da pesquisa a partir do final do século XX, quando ocorreu uma aceleração considerável de estudos e pesquisas na área devido ao apoio de feministas, acadêmicos e políticos interessados nessa articulação, no sentido de examinar os métodos de análise utilizados até então, de ampliar hipóteses de trabalho e de explicar como as mudanças ocorrem sem haver uma verdade e origens únicas. Ou seja, mostrar como de fato a mulher teve e tem importância para o processo do saber histórico mas que, por motivos ideológicos, culturais, entre outros, ela foi posta como um ser inferior ao gênero masculino.

É interessante ressaltar que, atualmente, as principais mudanças que vem ocorrendo na sociedade fizeram com que os estereótipos definidores dos papéis masculinos e

femininos passassem a ser questionados e até repensados quando o quesito é o elemento que demarca o gênero masculino e o gênero feminino. Nas últimas décadas, principalmente entre as famílias da chamada classe média, por exemplo, já se tornou habitual vermos os homens usando cabelos compridos, brincos ou ocupando-se de algumas atividades ligadas ao cuidado da casa e dos/das filhos/as. Podemos dizer, então, que o gênero é constituído e significado socialmente, dependente tanto das marcas culturais de cada sociedade como do momento histórico. De acordo com isso, Woodward afirma que

> a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (Woodward, 2000: 17).

Isso significa dizer que os significados dados aos respectivos gêneros que são tidos como elementos de classificação do gênero masculino e gênero feminino, mas não se pode esquecer que tudo isso fora uma construção de valores, de modelos ideológicos, que procurou através de certos comportamentos e atitudes ou tarefas atribuírem especificamente ao significado de determinado gênero.

É válido destacar que se as mulheres não nascem todas dóceis, maternais ou sensíveis, os homens, por sua vez, também não são, desde seu primeiro choro, brigões, insensíveis ou machões. Rompe-se aqui uma ideia de luta polarizada entre os sexos, onde o homem era considerado pelas mulheres como o inimigo-opressor, frio e calculista que deveria ser combatido. O masculino e o feminino são construídos através das práticas sociais masculinizantes ou feminizantes em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação (Louro, 1995: 103). Isso significa dizer que tanto o gênero masculino quanto o gênero feminino estão embasados num pensamento social, ou seja, é caracterizado pela forma cultural em que mulheres e homens estão inseridos. Dessa maneira, os hábitos, os costumes, as atividades que foram criados pela sociedade através dos processos de socialização e ressocialização exercem influência sobre o ser masculino e o ser feminino e sobre a percepção que cada um pode ter em relação a cada gênero.

Ou seja, tudo isso são resultados de uma construção que escolheu, demarcou de maneira específica, mas que muitas vezes não condizente com a realidade, determinadas características como próprias do gênero masculino e do feminino, não podendo haver homens sensíveis ou mulheres mais rudes, como exemplos.

De acordo com Perrot, as meninas «passam mais tempo dentro de casa, são mais vigiadas que seus irmãos, e quando se agitam são chamadas de ‘endiabradas’» (Perrot, 2013: 43). Nota-se que essas atitudes diferenciadas em relação ao gênero podem estar atreladas aos valores sociais, culturais e religiosos, mais especificamente do catolicismo que sempre discursivizou sobre a imaculação das moças.

Moreno observa, em relação a livros didáticos, que

> a maioria das imagens de personagens representam homens realizando diversas ações: jogando, correndo, estudando, exercendo profissões como médicos, arquitetos, astronautas, [...] consideradas frequentemente como masculinas, enquanto naquelas poucas em que aparecem meninas e mulheres, estas estão costurando, lavando ou cozinhando, para que tudo permaneça em ordem (Moreno, 1999: 43).

Na verdade, geralmente os livros didáticos trazem imagens demarcando bem as funções, atitudes e comportamentos que são tidos como específicos do homem e também da mulher. No caso da figura masculina, esta é retratada nos livros didáticos de história como participantes de guerras, chefes de famílias, empresários... As mulheres quando são apresentadas na maioria dos livros didáticos são meras donas de casas, realizando atividades domésticas e também marcada pela submissão em relação ao homem.

Entender a representação na qual os dois gêneros foram criados pode ser um elemento pelo qual se compreenda o porquê de tantos erros e preconceitos em relação a mulher, isto é, a maneira como eles foram implantados na sociedade, sendo um resultado da influência cultural e de um discurso tipicamente misógino, que coloca a mulher numa posição de inferioridade em relação ao homem.

É preciso, portanto, reconhecer que a sala de aula é um importante ambiente para que possam ser trabalhadas discussões envolvendo a mulher, o homem e os processos de construção social de saberes e sociedades, destacando o importante papel que cada um desenvolve para a história. Nessa linha de pensamento, Pereira diz que

> a sala de aula constitui-se num espaço privilegiado onde identidades de gênero são construídas e reconstruídas e/ou ressignificadas, a partir do engajamento de alunos, alunas, professores e professoras, em práticas discursivas (Pereira, 2013: 142).

O educador e a educadora, por meio de sua experiência e conhecimento em relação ao conteúdo envolvendo a identidade de gênero, pode e deve mediar discussões e debates envolvendo a importância que tanto o homem quanto a mulher possuem na sociedade e que muitas vezes esses elementos vêm equivocados nos livros didáticos, favorecendo um e desfavorecendo a outra, e para isso, deve-se estar atento a essas culturas discriminatórias.

5. Os papéis masculino e feminino nos livros didáticos da escola secundaria brasileira

Ao observar grande parte dos livros didáticos de história da escola do ensino médio brasileiro no período de 2013-2020, pode-se perceber que existem papéis específicos ao gênero masculino e feminino, ou seja, cada um destes possui papéis condizentes com o seu gênero, porém, nota-se que tudo isso foi um resultado de criações realizadas por grupos que, ao estabelecer estes, terminaram que por provocar a discriminação bem

como a submissão de um gênero a outro.

Para estudiosos como Graciano (1978), Rocha-Coutinho (1994), Louro (1995), Scott (1994), Celestino (2016) as sociedades legitimam a separação sexual, destacando diferenças entre a função do homem e a da mulher. Nota-se que as atribuições sociais de cada sexo, veiculadas nos livros, são definidas de tal forma que a delicadeza feminina é colocada em oposição, à dureza masculina e, ao dar ao homem um caráter ativo, concede-se à mulher, automaticamente, um caráter passivo; se o homem é duro, a mulher é suave, doce e meiga. Ou seja, o que pode observar é que o gênero feminino é geralmente atribuído um papel de submissão ou de inferioridade em relação à figura do homem. Além disso, retrata as mulheres como se todas elas tivessem as mesmas personalidades, da delicadeza, da meiguice e suavidade, porém, na realidade esses traços praticamente não dizem nada a respeito do gênero, uma vez que se pode encontrar homens suaves e mulheres mais rudes, firmes.

É comum ver nos livros didáticos citados o homem realizando as tarefas mais pesadas, como cortar lenha, caçar, trabalhar nas fábricas, enquanto a mulher se apresenta como responsável pela administração do lar, cuidando da educação dos filhos, brincando com estes durante o dia-a-dia, ou seja, uma visão bem leve das atividades.

O gênero masculino se apresenta como o modelo tradicional, com papéis tipicamente montados para o seu status de dominador, de provedor do lar, típico pai de família, pouco participativo, quem define e executa tarefas convencionalmente masculinas. De acordo com Badinter (1996) esse tipo de homem é identificado na atualidade como o homem duro ou o masculino. Para tal homem, um conjunto de atitudes e comportamentos pode ser atribuído na sua identificação. Tais comportamentos podem ser acompanhados de estereótipos, nem sempre positivos, como os adjetivos forte, autocrítico, racional, aventureiro, dominador, rude, agressivo, decidido, competitivo, menos afetivo e mais "durão", assertivo, desafiador, orientado para a realização, e silencioso. É a partir dessa construção que se consegue perceber o quanto os conceitos de gêneros constituem alguns equívocos, pois coloca o homem como o principal gênero, deixando a mulher como o papel secundário, que não tem importância em decisões do cotidiano ou é importante para o processo histórico.

6. A condição feminina na contemporaneidade brasileira

Apesar de passados inúmeros anos, a condição da mulher na contemporaneidade não tem mudado como se deveria. Pois ainda existem preconceitos aos quais são atribuídos alguns papéis específicos, mostrando que o machismo se faz presente nos dias atuais.

Possuir boa saúde no início deste século representava para a mulher, no Brasil, a força necessária para cumprir sua missão social de boa mãe, esposa dedicada, dona de casa exemplar, defensora da moral e dos bons costumes, responsável pela formação da raça, atenta e vigilante com relação à saúde da família. Essa imagem, «como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa»

(Maluf, Mott, 1998: 374). Nota-se que a religião também contribuiu para inserir a mulher numa condição de inferioridade em relação ao homem. A mulher tinha que cuidar do lar, dos bens de seu esposo, recebendo ordens deste e sempre pronta para atender aos seus anseios.

As propagandas da época difundiam como resultado indireto (certamente não planejado) o questionamento da condição feminina, predominante na época, voltada ao trabalho no lar, em que era reconhecido como um trabalho feminino por excelência porque era compatível com a suposta natureza frágil e delicada da mulher. Então, a mídia, bem como a cultura da época, procurou associar à mulher o papel no serviço doméstico, do lar, denotando a condição desta perante uma sociedade marcada por desmandos por parte da figura masculina. Ainda sobre esta temática consegue ver o quanto a mulher, mesmo na condição de doméstica, de senhora do lar, tinha que trabalhar, se esforçar bastante para realizar as tarefas as quais lhes foram impostas. É todo esse trabalho que muitas vezes não foi valorizado ao longo da história. A mulher teve, assim como o homem, um importante papel na construção da sociedade e das atividades cotidianas. Infelizmente, nos livros didáticos de história, apenas se fala da mulher no trabalho doméstico; porém, não entra em detalhes sobre os principais tipos, a sua condição, bem como a sua importância para o desenvolvimento e a realização das principais atividades do dia-a-dia.

No século XX o discurso científico da medicina predominava principalmente por conta da anatomia e da fisiologia da mulher para diferenciar e justificar as desigualdades de gênero, baseadas nas diferenças sexuais (Martins, 2004). As funções sociais e as características da mulher foram vistas como produto do seu sistema reprodutor, ou seja: útero e ovários. Esses órgãos determinariam a conduta e o comportamento emocional e moral feminino ao longo da vida (Matos, 2003: 114). Características como a fragilidade, o recato, a delicadeza, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais era identificado às mulheres, enquanto que a força e a inteligência foram associadas aos homens (Rago, 2005: 108). Mais uma vez a mulher foi colocada em segundo plano devido a sua fisiologia, ou seja, por apresentar algumas características físicas específicas ao seu gênero era tida como improdutiva, quase que sem importância para a sociedade e ficando em uma posição de inferioridade. A cultura científica fez com que houvesse uma diferenciação entre os gêneros, de modo que o masculino estivesse sobreposto ao feminino.

A menstruação, uma das grandes transformações do corpo feminino que chamou a atenção dos médicos, considerada um dos sinais da «instabilidade da natureza feminina, confirmador da tese que a mulher não tinha controle sobre si, pelo menos, não como os homens, pois sua razão e sentimentos estavam na dependência de um fenômeno que podia ser patológico» (Martins, 2004: 163). A imagem construída por médicos a respeito do funcionamento do corpo feminino ao longo do século XIX fundamentou teorias que determinavam que o sistema nervoso da mulher se encontrava em uma rede sistêmica, ligando ovários e útero através de gânglios e nervos ao eixo cérebro-espinhal (Babtista, 1909: 19-20 apud Martins, 2004: 111).

A mulher era vista como a encarnação de virtudes contraditórias, assim qualquer

excitação periférica poderia perturbar o equilíbrio deste corpo e provocar problemas psíquicos, como dores de cabeça, mudanças de humor, melancolia, suicídio e, muito pior, o terrível infanticídio (além de outros homicídios).

De acordo com Simone de Beauvoir (2009) a situação de inferioridade da mulher que ainda se faz presente na era contemporânea não está associada ao fator biológico que a reduz como procriadora e esposa. Esses elementos são construídos e impostos culturalmente dentro de uma sociedade. Segundo a Autora, a biologia não é o bastante para determinar a superioridade do homem visto que, embora fisicamente a mulher seja geralmente mais frágil que o homem, isso não significa dizer que ela deva possuir menos direitos ou poderes que o homem.

Embora ainda tenha muita coisa a conquistar, o fato é que as mulheres estão pouco a pouco conseguindo conquistar seus direitos e espaço na sociedade contemporânea por meio de lutas, protestos, entre outros elementos. Sobre essa temática Landerdahl e Roso consideram que

> a importante contribuição das mulheres nas últimas décadas, no Brasil, por meio de movimentos sociais, dentre eles os feministas, tem possibilitado avanços nos debates que tentam superar desigualdades históricas que ainda delimitam espaços e formas de manifestação desse grupo social (Landerdahl e Roso, 2013: 1).

Essas lutas promovidas pelas mulheres proporcionaram o fortalecimento do gênero feminino no mundo contemporâneo dando maior visibilidade às mulheres e mostrando o quanto elas são importantes para a sociedade. E, entre outras razões, é também por meio dessa busca incessante que surgiram as políticas públicas em defesa e sustentação das causas das mulheres.

7. Análise de alguns livros didáticos de história na escola secundária brasileira

Após uma primeira reflexão sobre a literatura específica, queremos agora verificar empiricamente a existência dessa discriminação de gênero, considerando quatro livros escolhidos no curso de nossa pesquisa.

Os critérios para análise dos livros seguirão os seguintes elementos:

1) a organização interna do livro e sua divisão em partes;
2) as fontes enfatizando a figura feminina;
3) as imagens que retratam a mulher na história;
4) estrutura física (paginação, cores do texto, grifos, tipo de papel, etc.).

O primeiro livro a ser analisado é *História geral* de Osvaldo Rodrigues de Souza (1978). Dentre as características principais observou-se que o livro possui um sumário simples, porém com os conteúdos bem divididos por meio de capítulos e que as fontes que abordam a figura feminina são poucas e curtas, isto é, não estende o assunto envolvendo os feitos, as histórias das personagens femininas.

Temos citações sobre a figura feminina, especificamente no conteúdo referente ao absolutismo inglês, quando são apresentados “os Tudor”. Além de mostrar a mulher de

uma maneira muito rápida, ou seja, de dedicar pouco espaço para retratá-la, geralmente destaca aquelas que chegaram ao poder através de herança familiar, ou seja, como se as mulheres não tivessem a capacidade e nem a força para conquistar seus objetivos.

Isso mostra a maneira preconceituosa e machista cujos livros didáticos de história de 1978 insistiam em relatar. As mulheres neste livro, quando de destaque, quase sempre fazem parte da realeza, como é o caso de «Maria a Sanguinária, filha de Henrique VIII, e Catarina de Aragão, que restaurou o catolicismo. Maria Tudor (Figura 1) casou-se com Filipe II, rei da Espanha, temido e odiado pelos ingleses. Morreu desprezada pelo marido e pelo povo» (de Souza, 1978: 230).

Nota-se com esta passagem que não há uma referência da figura da mulher, mostrando o seu importante papel no processo de administração da coroa espanhola, mas sim um curto relato dizendo que ela fora «desprezada» por todos, porém, não tem detalhes explicando o porquê de ela ter sido desprezada.

Outro ponto interessante é que ela é apresentada como «a sanguinária», ou seja, denotando o seu valor negativo como representação da mulher. Para o leitor e a leitora, o pouco das palavras que é relatada sobre a rainha demonstra a sua personalidade associada à violência e à rejeição de todos, entretanto não havendo explicações mais claras e concisas acerca destas afirmações.

Dessa forma, consegue-se perceber nesta obra que quando a mulher é retratada como membro do poder político não se destacam os seus feitos heroicos, bem como a sua administração no processo de organização da nação, mas sim apenas os seus pontos negativos, e muitas vezes nem são explicitados nos livros didáticos, o que pode dar a entender que isso possa não ter sido verídico.

O livro poderia trazer os bons feitos da rainha do País, como por exemplo a sua política de reforma financeira, o processo de expansão naval da Inglaterra e o desenvolvimento da exploração colonial. Na verdade, é importante que os livros de história tragam mais conteúdos, discussões acerca de figuras históricas femininas que são importantes para compreender o quanto a mulher tem a sua relevância na história.

Por exemplo, personagem histórica de destaque, a italiana Maria Montessori é conhecida no mundo inteiro pelo fato de criar o *método educativo Montessori* que se opõe ao modelo tradicional, sendo, portanto, bastante renomada, chegando a ser educadora, pedagoga, filósofa, médica, neuropsiquiatra e cientista e uma das primeiras mulheres a se formar em medicina na Itália.

Uma outra personagem que mereceria ser mencionada nos livros didáticos de história e com grande relevância é a brasileira, nascida no Estado de Pernambuco, Nísia Floresta, uma das pioneiras a defender a igualdade e a independência da mulher e a primeira do País a publicar um livro em 1832, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.

Além dela, a romancista cearense Rachel de Queiroz também deixou o seu legado histórico no Brasil, sendo a primeira mulher a ocupar um lugar na Academia brasileira de letras com seus livros denunciando os problemas sociais, políticos e climáticos do Nordeste como o coronelismo e a seca.

Figura 1 - Maria Tudor

Fonte: Retrato por Antonio Mor em 1554, em História geral de Rodrigues de Souza, 1978.

Em outro item da mesma página citada acima, refere-se à rainha Elizabeth I (Figura 2). No livro, Souza diz: «Isabel, filha de Henrique VII e Ana Bolena, implantou definitivamente o protestantismo na Inglaterra. Combateu Felipe II da Espanha. Mandou executar Maria Stuart, sua prima rainha católica da Escócia» (Souza, 1978: 230). Há um relato também muito curto da história da rainha e no livro o Autor, através de um breve resumo, a destaca como uma rainha capaz de executar uma mulher.

Mais uma vez não há explicações precisas acerca das atitudes e feitos da rainha. Isso demonstra que a mulher é retratada neste livro de forma resumida e sem muitos pormenores que poderiam dar ao leitor maiores informações ao ler e observar as imagens das mulheres contidas no livro didático.

Dentre os destaques realizados por Elizabeth, que não se encontram no livro analisado, pode-se citar: os investimentos na indústria inglesa, a expansão econômica por meio da Companhia das Índias e o grande incentivo às artes e à literatura, como a publicação de alguns romances de escritores renomados, tais como William Shakespeare, Christopher Marlowe e Edmund Spencer.

Os feitos das mulheres são importantes para mostrar para alunos e alunas que não deve existir a supremacia de um gênero sobre o outro, e que homens e mulheres são sujeitos históricos e sociais, ambos importantes para a humanidade.

Mais adiante, o Autor faz um pequeno relato sobre a personalidade das duas mulheres: Isabel e Maria Stuart. Sobre Isabel diz: «enérgica, autoritária, instruída, protegeu as letras, as artes e o comércio» (Souza, 1978: 231). Elizabeth, na narrativa do Autor, foi representada como autoritária, instruída e micenas, mas primeiro enérgica. Então, nota-se que existe uma visão preconceituosa da mulher, abordando uma personalidade negativa. É por isso que se faz interessante uma análise detalhada de como a mulher realmente é retratada no livro didático.

O ideal seria que professores e professoras pudessem questionar com os alunos e as alunas essas imagens, bem como a legenda que vem inserida no livro didático a fim de desconstruir todo o pensamento e imaginário negativo, desvirtualizado da imagem da mulher. Ela foi e ainda é alvo de preconceitos e de estereótipos.

Figura 2 - Elizabeth I

Fonte: Retrato por Armada George Gower, 1588, em História geral de Rodrigues de Souza, 1978.

É importante ressaltar que, embora haja um processo 'democrático' de escolha dos livros didáticos nas escolas públicas, geralmente prevalecem os livros que são determinados pelo Pnld. Portanto, as culturas discriminatórias bem como os conteúdos que não são adequados à realidade histórica devem ser trabalhados, reforçados em sala de aula por meio do(a) educador(a) de forma crítica e dinâmica.

No livro há também um relato sobre outra mulher, membro da dinastia inglesa. A respeito de Maria Stuart (Figura 3) o Autor diz que «ela teve a infelicidade de se refugiar na Inglaterra junto a sua prima Isabel que, depois de mantê-la presa durante 19 anos, executou-a. Isabel temia que os católicos fossem substituí-la por Maria Stuart» (Souza, 1978: 231). Nessa citação Maria Stuart aparece como uma indefesa que teve a infelicidade de se refugiar junto a sua algoz.

A visão de mulher indefesa é a que o Autor quis passar para o leitor, provando que há no livro uma falta de interesse do mesmo em enaltecer o papel da mulher para a história, bem como dar grande destaque aos feitos dessas mulheres, que foram importantes para as suas respectivas nações: Inglaterra, Escócia, Brasil, Itália, entre outras. A representação acerca da mulher é meramente marcada por uma espécie de pensamento dominante e machista, que procuraram não dar tanta ênfase à história e à produção da mulher em termos econômicos, sociais, políticos, culturais, entre outros.

As imagens encontradas no livro são poucas quando levamos em consideração a quantidade de conteúdos que o livro traz. No entanto, é válido destacar que as existentes na obra são personagens provenientes das classes altas da sociedade.

Em relação à estrutura física do livro, o mesmo apresenta páginas bem definidas, com cores razoavelmente satisfatória dos capítulos e também um papel suave e de fácil manuseio.

Figura 3 - Maria Stuart

Fonte: Pintura de François Clouet, 1558, em História geral de Rodrigues de Souza, 1978.

Outro livro tomado como fonte de análise foi *Nova história crítica: ensino médio* de Mário Furley Schmidt (2005). Dentre as características principais observou-se que:

1) o livro possui os conteúdos bem organizados, com capítulos bem divididos e com uma didática de fácil compreensão;

2) as fontes exploram bem a figura feminina;

3) as imagens também são chamativas e possuem destaque na obra.

Assim, ao folhear o livro, observou-se que:

a) existe neste livro didático uma quantidade considerável e satisfatórias de "caixas" como notas explicativas, acompanhadas de imagens, sobre algum tipo de participação da mulher na história, ou seja, há legendas que mostram a participação ativamente deste tipo de gênero;

b) na *Civilização oriental* o Autor destaca na p.17 a seguinte frase: «Japão, final do século, mulheres sofisticadas leem, fazem artesanato, conversam». Então retratam a mulher como um ser importante, com atitudes e relevância para a civilização;

c) tem *caixa explicativa* sobre a condição da mulher na Grécia antiga, dando ênfase nos seus afazeres e na sua relação cotidiana para com o desenvolvimento da civilização;

d) há *caixa explicativa* sobre Cleópatra, demonstrando as suas ações e participação na história;

e) já na p.53 o Autor relata que na Roma antiga as mulheres «tinham autonomia para andar em público. [...] Algumas tinham até uma educação esmerada, com professores gregos. De modo geral, tinham um pouco mais de liberdade do que as mulheres da nobreza grega. O divórcio era permitido pela lei». Isso já demonstra um pouco o quanto a mulher também teve importância e relevância nos mais diversos aspectos da vida na civilização clássica;

f) por sua vez, na Idade média «a maioria não sabia ler e escrever e dava duro na lavoura e nos serviços domésticos [...] havia artesãs habilidosas e respeitadas e que até chefiavam oficinas com trabalhadores homens. Algumas mulheres se destacaram intelectualmente, escreveram livros de medicina e de filosofia, compuseram músicas que até hoje são apresentadas, e até assumiram a chefia de feudos» (Furley Schmidt, 2005: 90).

A estrutura física do livro segue um padrão organizado, sendo bem paginado, com cores ilustrativas e bem vivas e com edição de boa qualidade. Existem também no livro grifos do Autor e sugestões de filmes e bibliografias extras.

O que se pode concluir sobre o gênero neste livro é que, na maioria das vezes, a mulher é destacada como importante e suas ações são relatadas de modo que estas participaram de forma ativa nas suas respectivas civilizações. Diferente dos outros livros didáticos analisados acima, a mulher tem maior destaque.

O terceiro livro a ser analizado é *História sociedade e cidadania* de Alfredo Boulos Júnior (2011). Dentre as características principais do livro observou-se:

1) uma boa organização dos conteúdos, possuindo inicialmente uma apresentação da obra e, em seguida, mostrando um sumário interessante, colorido e com os temas divididos por unidades e estas subdivididas em capítulos;

2) há uma pequena quantidade de notas explicativas que, embora bem curtas, pode-se dizer que são satisfatórias, acompanhadas de imagens sobre algum tipo de participação da mulher na história, ou seja, há legendas que mostram a participação ativa deste tipo de gênero, como pode ser visto nas citações abaixo:

Na guerra dos cem anos o Autor destaca a seguinte frase: «Inicialmente, os ingleses conseguiram e conquistaram parte do território francês, o que despertou um forte sentimento nacional nas terras onde hoje é a França. O símbolo desse nascente sentimento nacional francês foi Joana d'Arc, uma jovem guerreira que se ofereceu para ajudar o rei da França a derrotar os ingleses em 1453» (Júnior, 2011: 258). Mostrando, portanto, o feito realizado pela jovem guerreira francesa.

Na *Caixa explicativa* sobre a rainha Elisabeth II defendendo a importância da evolução da monarquia no Reino Unido (Júnior, 2011: 408), é enfatizado o seu poder e a representação histórica da nação.

Na penúltima página de conteúdo, o Autor traz a imagem de Dilma Roussef, do Partido dos trabalhadores (Pt) no dia de sua posse em janeiro de 2011, se tornando a primeira mulher presidente do Brasil (Júnior, 2011: 865)

As imagens são bem elaboradas e chamativas com perguntas do Autor para os alunos e as alunas com o intuito de fazer com que eles reflitam e investiguem as figuras femininas expostas na obra a fim de descobrir a importância e relevância da mulher na história.

Uma parte que chama atenção do livro é na sessão intitulada *A imagem como fonte*. O Autor traz a imagem de uma mulher e, mais abaixo, deixa para os alunos e alunas as seguintes indagações:

a) Você considerou o título da imagem adequado?

b) Como a personagem principal está representada?

c) Essa tela de um holandês do século XVII nos ajuda a conhecer o Brasil daqueles tempos?

d) pesquise e escreva um pequeno texto sobre o pintor em foco (Júnior, 2011: 366).

Esses questionamentos são essenciais para fazer com que o educando e a educanda sejam capazes de refletir sobre a mulher, pesquisando mais sobre o momento histórico relacionado e sobre a relevância da mameluca para a compreensão da sociedade brasileira.

Figura 4 - Mameluca

Fonte: Albert Eckhout, 1641, em História, sociedade & cidadania de Boulos Júnior, 2011.

O Autor procura por meio da imagem ressaltar a importância da mulher, trazendo como pode ser observado no capítulo 46, uma pintura do francês Delacroix (Figura 5). O que chama a atenção são os questionamentos deixados para que os leitores e as leitoras possam desvendar:

a) Quem é a mulher do quadro ou o que ela representa?

b) Que bandeira é essa que a mulher sustenta na mão direita?

c) O que está acontecendo na cena? (Júnior, 2011: 585).

Na verdade, a mulher que está presente nesta pintura representa a *liberdade*, *revolução* e *república*. Todos esses elementos, pode-se observar, a coloca como um ser essencial no processo de luta e conquistas de direitos econômicos, políticos, sociais, entre outros.

Em relação à estrutura física do livro pode-se dizer que é bem paginado, bastante colorido, com grifos, quadros, mapas e papel suave, além de ser confortável para folhear. Também é interessante observar que no final possui sugestões de livros, sites e filmes sobre a temática da história.

Figura 5 - A liberdade guiando o povo

Fonte: Óleo sobre tela de Eugène Delacroix, 1840, em História, sociedade e cidadania de Boulos Júnior, 2011.

O quarto livro analisado foi *História passado e presente 2: do mundo moderno ao século XIX* de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi (2017). Dentre as características principais do livro, observou-se que:

1) o livro tem uma boa organização dos conteúdos, contendo inicialmente uma apresentação da obra e, em seguida, mostrando um sumário interessante, colorido e com os temas divididos por unidades; estas encontram-se subdivididas em capítulos. Contém, ainda, algumas atividades e sugestões de filmes e livros;

2) as fontes envolvendo a figura da mulher são complementadas por boxes e seções que dão um embasamento teórico e científico à temática;

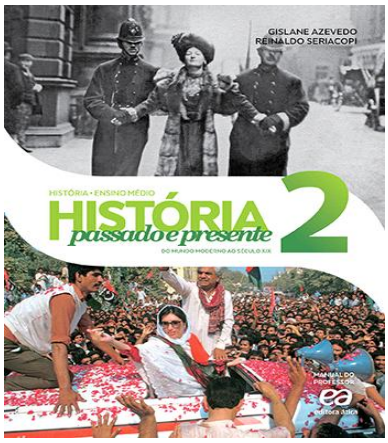
3) as imagens são um tipo de recurso bastante explorado pelo Autor.

Já na capa do livro percebe-se uma imagem trazendo duas mulheres apresentadas em contextos diferentes (Figura 6).

A imagem no topo da capa mostra uma mulher sendo presa, o que dá a entender que a mesma estava protestando ou reivindicando algo a favor da causa feminista. Já abaixo temos uma mulher participando de um cortejo com uma multidão de pessoas acenando para ela. Essa mulher provavelmente se encontra em uma relação de poder, bem mais confortável que a relatada anteriormente.

Ao ler o livro, embora abordando de forma sucinta a temática envolvendo as mulheres, os Autores fazem questão de trazer na obra uma imagem reforçando o papel da luta, as manifestações das mulheres pedindo o fim da violência de gênero e discutindo a cidadania como um elemento importante para a conquista de direitos (Azevedo, Seriacopi, 2017: 130-131). Essa temática de luta pelo combate à violência contra as mulheres vem se tornando cada vez mais presente nos mais diversos veículos de comunicação, o que mostra a importância de se dar mais margem a esses conteúdos, incentivando a igualdade e o respeito ao gênero.

Figura 6 - Capa do livro



Fonte: História passado e presente 2: do mundo moderno ao século XIX de Azevedo e Seriacopi, 2017.

Um fato curioso e relevante sobre feitos históricos realizados por mulheres é a menção de Maria Quitéria de Jesus (Figura 7), uma mulher que se alistou no exército brasileiro em prol da luta pela independência do País e para manter, como governador no Estado da Bahia, um membro brasileiro e não um general português (Azevedo, Seriacopi, 2017: 205). Abordar personagens femininas com participação em lutas e em movimentos coletivos é fundamental para fazer com que haja uma compreensão dos alunos e das alunas que também existem mulheres históricas, heroínas, guerreiras, mulheres fortes que buscaram e ainda buscam seu destaque no mundo contemporâneo.

Figura 7 - Maria Quitéria de Jesus

Fonte: Óleo sobre tela de Domenico Failutti, 1920, História passado e presente 2: do mundo moderno ao século XIX de Azevedo e Seriacopi, 2017.

Dando continuidade à análise do livro os Autores reservaram para argumentar especificamente sobre o papel das mulheres na história, mostrando duas imagens de mulheres (uma de etnia branca com ascendência europeia, nascida na cidade de São Paulo e uma outra mulher membro da etnia indígena). Os mesmos fazem questão de ressaltar que, embora não constando em muitos livros didáticos ou sendo vítimas de preconceitos, as mulheres participaram ativamente de todos os acontecimentos da história brasileira (Azevedo, Seriacopi, 2017: 224).

Essa parte do livro é fundamental para refletir sobre as seguintes questões:

Por que não são dadas às mulheres os mesmos destaques dos homens nos livros didáticos de história?

Por que geralmente as deixam em segundo plano quando o assunto é seu papel social, político, econômico na formação desse País?

Enfim, por trás de todas essas indagações o que fica claro é que tudo isso vem de um aspecto cultural, de um pensamento dominante que de uma certa forma procurou se sobressair sobre outra. São necessárias maiores discussões, estudos e lutas para se obter a transformação dessa realidade.

Na temática envolvendo a campanha abolicionista, os Autores trouxeram uma imagem mostrando a distinta abolicionista Nadina Bulicioff libertando sete escravas na noite de seu benefício. O público presente, entusiasmado, a aplaude de forma gigantesca (Azevedo, Seriacopi, 2017: 257). Enquanto que no subtítulo, *Passado e presente*, os Autores fazem menção à cantora Clara Nunes em sua apresentação em 1981, considerada na época uma das maiores intérpretes do Brasil e também pesquisadora da música popular (Azevedo, Seriacopi, 2017: 258).

Observa-se portanto que os Autores dessa coletânea, mesmo que fazendo uma abordagem de forma superficial, se preocuparam em destacar figuras importantes da história do Brasil e também trouxeram informações que muitas das vezes são relegadas em outros livros didáticos de história. O fato é que temos não apenas no Brasil, mas no Mundo, muitas mulheres históricas, com seu valor e sua grande contribuição para a sociedade, a cidadania e igualdade dos direitos humanos.

Em relação à estrutura física do livro pode se dizer que ele é bem paginado, com grande número de figuras ilustrativas, uso de cores marcantes e de destaque nos mais variados capítulos. Também possui grifos, mapas, resumo-esquema e suas folhas são suaves, facilitando assim seu uso.

Ao fazer uma análise mais profunda da coleção que faz parte dos livros didáticos do ensino médio, composta por quatro volumes, buscou-se observar e analisar a narrativa neles contida, e consequentemente a inserção, ou não, da história das mulheres e sua respectiva participação nos processos históricos.

Ao olharmos os movimentos sociais, percebemos as diferentes formas de luta e resistência, dando oportunidade aos educandos e às educandas de analisar as permanências que continuam ocorrendo em nossos dias. As mulheres ao longo de sua história demonstraram o seu poder de luta por igualdade de gênero, por maior participação social, política, entre outras áreas. Como exemplo desse compromisso

pode-se citar o Movimento sufragista, um movimento que se originou na Europa e se espalhou para muitos Países entre os séculos XIX e XX e que teve como protagonistas as mulheres, buscando por meio de protestos e lutas inserir a sua voz na história de cada sociedade, sua participação, sua inclusão e seu direito de votar... O termo *suffragette* deriva precisamente da palavra *sufrágio*, voto (Karawejczyk, 2014). Embora os livros analisados neste trabalho não façam grandes menções a esse movimento, é importante que ele seja debatido, discutido e abordado em sala de aula, fazendo com que alunos e alunas saibam discernir sobre o quanto foi importante esse movimento para o processo de conquistas de direitos das mulheres.

> O Movimento das suffragettes representa uma importante contribuição para a luta das mulheres em geral, pois muitos dos direitos conquistados atualmente são consequências dessas lutas empreendidas no passado (Pellegrini, Dias, Grinberg, 2015: 23).

Dessa forma, fica claro como qualquer pessoa, movimento ou classe social precisa lutar por direitos, por inclusão social, política e econômica, fazendo com que não haja uma desigualdade e diferenciação entre os direitos de um e outro, incluindo os de gêneros. Afinal, conforme dispõe a *Carta magna* do País, todos são iguais, independentemente de gênero.

> Atualmente, as mulheres brasileiras têm conquistado os mais variados cargos eletivos como [presidenta], prefeitas, governadoras, senadoras, deputadas, vereadoras. Também é marcante a presença feminina nas altas instâncias do poder judiciário [...]. Apesar disso, um problema permanece: o salário das mulheres é, em média, muito menor que os de homens com a mesma escolaridade. Hoje, no Brasil, uma em cada quatro famílias é chefiada por mulheres (Cotrim, Rodrigues, 2014: 96).

É importante que os livros didáticos de história tragam em si, dentro de seus conteúdos voltados ao gênero, a participação e a conquista da mulher nos mais variados espaços da vida pública, mostrando que, embora lentamente, está havendo avanço no que diz respeito a igualdade do gênero feminino.

8. Resultados da análise

Após leitura e análise dos livros didáticos escolhidos acerca do gênero feminino notou-se que dos quatro, três (Furley Schmidt, 2005; Boulos Júnior, 2011; Azevedo e Seriacopi, 2017) apresentam aspectos relevantes, positivos e demonstram a importância da mulher dentro da história, destacando seus feitos, papéis, sua luta, ativismo, elementos essenciais para colocá-la no patamar de igualdade de gênero. Estes três livros apresentaram poucas diferenças no que diz respeito à abordagem de gênero, uma vez que ambos trazem figuras femininas importantes, enfatizando seus feitos, suas produções, contribuindo com isso para que os alunos e alunas percebam o quanto é essencial ser relatada e discutida a história das mulheres dentro dessas obras a fim de proporcionar uma paridade entre o homem e a mulher, evidenciando tanto heróis e

heroínas, reis e rainhas, presidentes e presidentas, cantor e cantoras, soldados e soldadas.

Por sua vez, no primeiro livro investigado as poucas exibições sobre a mulher geralmente as relatam como membros de uma classe social elitizada, mais especificamente pessoas que fazem parte da realeza. As falas relacionadas às mulheres, na maioria das vezes, sublinham o seu lado negativo, isto é, não são abordados os seus legados ou suas boas atitudes diante do contexto histórico da época.

Outro ponto que não pode deixar de ser mencionado é que existe pouco interesse do Autor em enaltecer os feitos das mulheres, sua posição de valor na história, uma vez que a mulher é relatada de forma breve e sem muitas explicações sobre a sua participação nos mais diversos campos da história (social, política, econômica, cultural entre outras).

No livro de Schmidt (2005) o gênero feminino é abordado de modo que o leitor possa perceber o quanto as mulheres também tiveram participação na história de suas civilizações, além disso, há maiores dados explicando sobre as ações das mesmas.

O livro didático é um dos grandes recursos utilizados na educação escolar, quer seja pelo aluno quer seja pelo professor, e este é marcado por uma série de informações que nem sempre possuem veracidade, por fazer parte de uma cultura e ser uma espécie de mercadoria cultural e de poder, veiculando apenas aquilo que for do interesse de um grupo dominante que apenas deseja lucrar, não importando se o que contém nele está correto ou não.

Dessa maneira, cabe ao profissional da educação procurar desmistificar algumas temáticas referentes ao livro a fim de mostrar outras vertentes da história, dando importância ao gênero feminino, que de fato foram e são preponderantes para a construção do saber histórico.

Além disso, é indispensável que os professores e as professoras durante o processo de escolha do livro sejam críticos, exigentes e exponham os seus pensamentos acerca de determinados livros que não acharem adequados para serem utilizados em sala de aula. É preciso resiliência, união e comprometimento sério desses (as) profissionais na hora de decidir quais coleções de história deverão ser usadas na escola, buscando sempre contribuir para o processo de igualdade de gênero, a promoção e defesa dos direitos humanos e dos valores fundamentais da pessoa de acordo com a *Declaração universal dos direitos humanos* da Onu (1948).

Uma história não deve ser contada e vista apenas sob uma perspectiva, mas sob todas elas implicadas, pois trará mais dinamismo e chamará mais atenção ao leitor, que passa a descobrir e observar que outros integrantes, sujeitos da história também deixam o seu legado para a história da humanidade. Quebrar paradigmas e superar preconceitos e estereótipos é importante para que se tenha uma história mais concisa e precisa, permitindo assim a consequente valorização de todos os atores sociais implicados naquela sociedade, promovendo nos alunos e nas alunas um pensamento auto reflexivo, autônomo e independente, além de despertar a capacidade de avaliação logico-critica da realidade histórica.

Enfim, observou-se que a imagem da mulher ainda é pouco explorada e valorizada quando comparada a do gênero masculino; ao serem abordados fatos referentes à

mesma, tal é feito de forma breve e resumida, sem muitos detalhes. Não há, inclusive, enaltecimento de seus feitos e atitudes, provando que ainda temos uma história machista e ideológica, onde apenas um gênero se sobressai, provocando a valorização de um em detrimento ao outro.

Os resultados esperados foram satisfatórios para se compreender o quanto a figura da mulher aparece de forma distorcida e pouco valorizada nos livros didáticos de história na escola secundária brasileira. Além disso, foi interessante no sentido da reflexão sobre outras visões do gênero feminino, para que com isso se tenha uma história igualitária, onde todos os sujeitos do saber histórico tenham a sua contribuição e participação merecidas.

9. Algumas reflexões antes de concluir

Os livros didáticos utilizados por muitas escolas são tidos como o principal recurso de aprendizagem dos alunos e das alunas nas mais diversas disciplinas escolares. No tocante à disciplina de história o livro didático se torna indispensável para o processo de aprendizagem e compreensão dos principais fatos históricos. Por sua vez, ele muitas vezes contém informações errôneas e eivadas de puro preconceito, pois é relatada uma visão parcial da história e de seus sujeitos e integrantes (homens e mulheres).

Por meio desta reflexão crítica conseguiu-se observar que o gênero é uma das temáticas mais sensíveis e polêmicas da história, pois diz respeito à construção social da realidade, dos seres históricos e da sua relação para a formação dos mais diversos aspectos do cotidiano, envolvendo economia, cultura, política, sociedade, entre outras.

Ainda se nota que, em comparação com o gênero masculino, a mulher é retratada com menos frequência e menor exatidão nos livros didáticos de história; porém, o que se pode observar é que essa realidade ao longo dos anos vem gradativamente se modificando, uma vez que atualmente temos mulheres a frente de governos, participando mais ativamente no processo político, nas questões sociais, econômicas e da educação, com maior visibilidade. Esse maior engajamento por parte das mulheres no mundo atual é primordial para o processo de combate à desigualdade de gênero, e consequentemente, na luta para que os livros didáticos dêem mais ênfase à figura feminina e no seu valor para a história.

Os livros didáticos são de extrema importância para o processo de ensino-aprendizado, sendo um recurso bastante utilizado em sala de aula. Por sua vez é imprescindível ressaltar que muitos desses materiais didáticos são frutos de um pensamento cultural, que nem sempre está preocupado em retratar o que de fato é verídico e relevante. Diante disso, cabe ao profissional da educação não apenas escolher o melhor a ser utilizado, mas também fazer com que os conteúdos envolvendo as mais variadas temáticas sejam debatidos, levando os alunos e alunas a construirem um pensamento independente e crítico, sabendo assim lidar com conflitos e respeitando as diferenças, colaborando desta forma com a formação de cidadãos e cidadãs conscientes de seus papeis perante a sociedade.

A inclusão de conteúdos envolvendo gêneros é uma forma que pode ser trabalhada nos livros didáticos, problematizando quais papeis estão relacionados a homens e mulheres, o que define o gênero masculino e feminino, dentre outros questionamentos. Assim, consegue-se proporcionar ao leitor e à leitora uma visão coerente e racional a respeito de como a mulher deve ser retratada no livro didático.

Dessa maneira, estará se contribuindo para uma história mais justa e equilibrada envolvendo gênero, pois tanto o homem quanto a mulher são importantes e essenciais para o debate e compreensão dos fatos históricos.

Enfim, estudar sobre gênero, e ainda mais sobre a representação da mulher nos livros didáticos, nos traz importantes questionamentos para trabalhar em sala de aula com os alunos e as alunas, incentivando-os a melhor avaliarem, por exemplo:

a) Será que a mulher é retratada de forma verídica nos livros?

b) Existem muitas explicações sobre suas ações e realizações ao longo da história?

c) Como o gênero foi e é construído no livro didático?

Diante disso, pode-se fazer com que alunos e leitores reflitam sobre a mulher, procurando observá-la de outras formas, desmistificando as ações e posições que foram atribuídas a esta. Portanto, a análise de obras se faz importante para a resposta a todas a essas perguntas. Assim iremos descobrir, através da atenção à discriminação de gênero, que a história é atravessada por inúmeras outras discriminações ligadas à orientação sexual, religião, etnia, idade, poder de compra, classe social, etc. A tarefa de cada educador, educadora e pais é, portanto, sensibilizar os alunos para que tenham uma visão crítica dos fatos e que consigam ir além das formas estereotipadas que o pensamento determinado ideologicamente ou culturalmente pode impor.

Referências bibliográficas / References

Azevedo G., Seriacopi R., *História passado e presente 2. Do mundo moderno ao século XIX*, 1ª edição, Editoria Ática, São Paulo, 2017.

Bittencourt C., *Livros didáticos entre textos e imagens*, in Bittencourt C., (org.), *O saber histórico na sala de aula*, Contexto, São Paulo, 2002, pp.1-21.

Bock A.M.B., Furtado O., Teixeira M.L.T., *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia*, Saraiva, São Paulo, 1999.

Bonazzi M., Eco U., *Mentiras que parecem verdades*, Sumus, São Paulo, 1980.

Cândido L.B., *Medo e preconceito: experiências de transgêneros no contexto organizacional*, IV Congresso brasileiro de estudos organizacionais, Porto Alegre, 19 a 21 de outubro de 2016, em https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/viewFile/61/53, acessado 15 de abril de 2020.

Casagrande L.S., Carvalho M.G., *Educando as novas gerações: Representações de gênero nos livros didáticos de matemática*, «Gênero, Sexualidade e Educação», 23, 2005, pp.1-17.

Cassiano de Figueiredo C.C., *Mercado de livro didático no Brasil. I seminário brasileiro sobre livro e história editorial*, Universidade federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004, em

http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/celiacristinacassiano.pdf, acessado 15 de abril de 2020.

Celestino G.S., *Gênero em livros didáticos de história aprovados pelo Programa nacional do livro didático*, Dissertação de mestrado, Universidade federal de Santa Catarina, Centro de ciências da educação, Programa de pós-graduação em educação, Florianópolis, 2016.

Chauí M., *O que é ideologia*, Editora brasiliense, São Paulo, 1984.

Choppin A., *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*, «Revista Educação e Pesquisa», 30(3), pp.549-566.

Choppin A., *O historiador e o livro escolar*, «História da Educação», 6(11), 2002, pp.5-24.

Cotrim G., Rodrigues J., *Historiar*, Saraiva Educação, São Paulo, 2015.

da Silva T.T., *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*, Autêntica, Belo Horizonte, 2005.

de Beauvoir S. (1970), *O segundo sexo*, tradução de Sérgio de Milliet, 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2 volumes, 2009.

de Queiroz Alves L.T., Oliveira Maia R.L., *A mulher negra no livro didático*, «Anais do X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental», 1, 2016, pp.1-8.

de Souza F.C., *Diferenças de gênero na escola. Interiorização do masculino e do feminino*, in *Reunião anual da Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação*, Anped 28, Caxambu (MG), 2005.

de Souza O.R., *História geral da pré-história aos últimos fatos de nossos dias*, 17ª ed., Ática, São Paulo, 1978.

Delors J. *et al*. (1996), *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão internacional sobre educação para o século XXI*, Ed. Cortez, Unesco, Mec, São Paulo, 1998.

Floresta N. (1832), *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, Editora Cortez, São Paulo, 1989.

Floresta N., *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, 1ª ed., Cortez, São Paulo, 1982.

Françoso F.G., *Os lugares de mulheres negras em materiais didáticos de história da Secretaria da educação do Estado de São Paulo*, Dissertação de mestrado em educação, Faculdade de ciência e tecnologia, Universidade estadual paulista, São Paulo, 2017.

Gatti Junior D., *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*, Edusc, Bauru, 2004.

Júnior A.B., *História sociedade & cidadania.* 1 ed., Ftd, São Paulo, 2011.

Karawejczyk M., *Suffragettes nos trópicos?! A primeira fase do movimento sufragista no Brasil*, «Locus. Revista de História», 20(1), 2014, pp.327-346.

Landerdahl M. C., Roso A., *Gestão de políticas públicas em gênero e raça: a transversalidade em curso*, Seminário internacional fazendo gênero 10, Anais eletrônicos, 2013, em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources /anais/20/1391625335_arquivo_mariacelestelanderdahok.pdf, acessado em 15 abril 2020.

Louro G.L., *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*, «Educação e Realidade», 20(2), 1995, pp.101-132.

Louro G.L., *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Vozes, Petrópolis, 2014.

Martins A.P.V., *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*, Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004.

Matos M.I.S. de, *Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico*, in de Matos M.I.S., Soihet R. (org.), *O corpo feminino em debate*, Ed. Unesp, São Paulo, 2003, pp.107-128.

Mistura L., Caimi F.E., *O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010)*, «Aedos», 7(16), 2015, pp.229-246.

Molina A.H., *Imagens sobre história do Paraná em livros didáticos de história: a paisagem e a memória em pequenos relicários*, in Molina A.H., Ferreira C.A., *Entre textos e contextos. Caminhos da história ensinada*, Crv, Curitiba, 2016, pp.223-246.

Moreno M., *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*, Moderna, São Paulo, 1999.

Morin E. (1999), *A cabeça bem feita*, Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 2003.

Morin E. (1999), *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Editora Cortez, São Paulo, 2000.

Nogueira M.A., *Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação*, «Educação e Realidade», 31(2), 2006, pp.1-16.

Onu, *Declaração universal dos direitos humanos*, Paris, 1948.

Pellegrini M.C., Dias A.M., Grinberg K., *Novo olhar: história*, 1ª ed., 2 volumes, Ftda, São Paulo, 2015.

Pereira L.A., *Representações de gêneros em livros didáticos de língua estrangeira: Discursos gendrados e suas implicações para o ensino. Cap 5*, in Pereira L.A., *Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira processos de criação e contextos de uso*, Mercado de letras, Campinas, 2013, pp.113-146.

Perrot M., *Minha história das mulheres*, Contexto, São Paulo, 2013.

Pinsky C.B. (org.), *Novos temas nas aulas de história*, Editora Contexto, São Paulo, 2013.

Prohmann A.C.S., *Gênero e ensino de história: as representações das mulheres no livro didático*, 4º Simpósio eletrônico internacional de história, 2018, em http://etnogensimpohis2018. blogspot.com.br/p/genero-e-ensino-de-historia-as.html, acessado em 5 de abril de 2020.

Rago E.J., *Higiene, feminismo, moral sexual*, «Gênero, Sexualidade e Educação», 6, 2005, pp.105-116.

Rocha-Coutinho M.L., *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*, Roco, Rio de Janeiro, 1994.

Schdmit M.F., *Nova história crítica*, Nova Geração, Rio de Janeiro, 2005.

Scott J.W., *Gênero: uma categoria útil de análise*, in «Educação e Realidade», 6(2), 1990, pp.1-29.

Scott J.W., *Prefácio a Gender and Politics of History*, in «Cardernos Pagu», 3, 1994, pp.11-27.

Secretaria de educação fundamental, *Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*, Mec/Sef, Brasília, 1998, pp.19-41.

Woodward K., *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, in da Silva Tomaz T. (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Vozes, Petrópolis, 2000, pp.7-72.

Recibido: 10/01/2020
Aceptado: 23/04/2020